

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 1 | Nº 3 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3752337>



A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS NO CONTEXTO DA CULTURA POP ZUMBI

Elói Martins Senhoras¹

Resumo

O objetivo do ensaio é discutir a difusão pandemia do novo coronavírus, nomeado de Sars-CoV-2 e causador da doença intitulada covid-19, à luz de um recorte metodológico exploratório e descritivo que se fundamenta na análise e correlação com o arquétipo do zumbi, presente no imaginário coletivo em função de histórias de folclore e da difusão internacional de uma cultura popular.

Palavras-chave: covid-19; cultura popular; novo coronavírus; pandemia; zumbi.

O termo *zumbi* representa um arquétipo presente no imaginário coletivo, caracterizado por um conjunto de imagens negativas sobre o inumano e a ação coletiva humana em determinados contextos de surtos, o qual representa componente vivo de histórias de folclore em determinados locais ou foi sendo construído internacionalmente na cultura popular em função do seu impacto nas artes e nos meios científicos e informacionais ao longo do tempo, em um mundo cada vez mais conectado e interdependente que compartilha crescentemente fluxos de materiais e de valores simbólicos.

Em um contexto de rápida difusão do novo coronavírus no mundo, a internacionalizada cultura popular *zumbi* emerge como uma dinâmica força motriz, embebida por distintos significados para determinadas estratificações sociais, à medida que neste grave momento de crise internacional - considerado potencialmente como o maior desde os episódios globais recessivos como a Crise de 1929 ou a I e II Guerra Mundial - surgem abruptas mudanças de comportamento e ação que valorizam estratégias respaldadas por distintos valores, crenças e influências existentes na *psique* humana.

As distintas concepções cognitivas sobre a crença *zumbi* são oriundas na curta e média duração de três grandes matrizes - africana (*nzumbi*), haitiana (*zonbi*) e estadunidense (*zombie*) – sendo que nas duas primeiras há uma concepção cosmológica presente no folclore, de feitiço religioso para o controle do corpo ou para reanimação de mortos (WARNER-LEWIS, 2018), em contraposição à última que evolui ao longo do tempo por meio de diferentes concepções artísticas da cultura popular, se distanciando de uma concepção religiosa para uma perspectiva crescentemente influenciada pelos principalmente pelos gêneros da ficção científica e do terror e normalmente ligada a ciência, guerra e surtos pandêmicos (BOLUK; LENZ, 2011).

¹ Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Economista e cientista político, especialista, mestre, doutor e pós-doutor. E-mail para contato: eloisenhoras@gmail.com. Outros trabalhos do autor podem ser encontrados em www.eloisenhoras.com



Enquanto que a mobilidade humana entre os séculos XVIII e XIX foram responsáveis por difundirem crenças da África para o novo mundo por meio dos fluxos de tráfico de escravos (LAURO, 2015), por sua vez, o século XX, inicialmente a partir das influências *creole* da Louisiana e com a difusão do gênero da ficção científica e do terror na literatura e no cinema americano a partir da década de 1930, tornaram os Estados Unidos em um epicentro de um caldeirão criativo da cultura popular *zumbi*, a qual viria a se difundir com amplo dinamismo para o resto do mundo, principalmente a partir da década de 1970, em um contexto de Guerra Fria, e das décadas de 1980 em diante com a difusão de determinados surtos epidêmicos.

A despeito das diferenças cognitivas sobre o arquétipo *zumbi*, ele muito rapidamente se transformou internacionalmente em um símbolo negativo no imaginário coletivo, entre o século XVIII e XXI, daqueles fenômenos que são claramente representam ameaças externas ao homem, mas que se manifestam simultaneamente como forte medo interno, representando assim uma figura que fomenta a ansiedade e o pavor em função da falta de compreensão em sua plenitude ou das limitações e incapacidades humanas (BOON, 2007), mas que por ser o monstro de antítese da própria identidade humana, pode eventualmente despertar o melhor da própria humanidade.

Em um contexto de incertezas nesta crise humanitária derivada da difusão do novo coronavírus, nomeado de Sars-CoV-2 e causador da doença intitulada covid-19, a cultura *zumbi* alimenta por sua vez a própria percepção de ameaça externa e temor interno na população à medida que há um *boom* informacional de notícias sobre a pandemia, bem como um forte fluxo de demanda por obras que retratam surtos epidêmicos, desde filmes; jogos eletrônicos, de videogame ou de tabuleiro; livros e histórias em quadrinhos, que usam este tema para histórias realistas ou como pano de fundo para o sobrenatural (GAGLIONI, 2020).

No complexo contexto de difusão internacional do novo coronavírus e de crises geradas pelo surto (SENHORAS, 2020), as diferentes concepções interpretativas de uma *crise zumbi* no mundo real são respaldadas, tanto, por uma positiva crença na ciência ou na força divina na sua resolução, quanto, por uma cética percepção de meios suficientes para o seu adequado fim, o que claramente repercute no contexto de difusão do novo coronavírus em diferentes estratégias microsociais de ação, desde ignorar aos fatos de difusão de um surto pandêmico, passando por estratégias de aglomeração em templos religiosos, até se chegar aos casos de prevenção, quarentena e isolamento.

O próprio Estado e seus líderes, bem como a diplomacia médica de organizações internacionais como a OMS (Organização Mundial da Saúde) possuem um papel decisivo para microfiltrar e balizar as microações humanas a fim de conter a difusão do surto do novo coronavírus (LUIGI; SENHORAS, 2020), caso contrário, farão parte do problema pelo silêncio administrativo de governantes-zumbis,



justamente por não apresentarem estratégias de ação estatal adequadas no curto prazo para conter esta pandemia e no fomento à comunidade científica e à indústria farmacêutica para a descoberta e produção de possível vacina.

Embora a construção de cenários para a evolução desta pandemia apresente diferentes trajetórias com assimétricos impactos no curto, médio e longo prazo, a rápida difusão da pandemia do novo coronavírus em curso no ano de 2020 está longe de ser um *apocalipse zumbi*, com interrupção de energia e água, e, mesmo assim traz consigo graves preocupações como uma *crise zumbi*, pois sua difusão claramente multilateral, diferentemente de outros surtos contidos e regionalizados como da SARS, MERS e H1N1, atingiu mais de 100 países de todos os continentes em um rápido espaço temporal, gerando uma situação de pânico generalizado e com proeminentes impactos negativos no dia-a-dia da população.

A magnitude dos impactos gerados pela pandemia do novo coronavírus torna este evento internacional em um choque exógeno dramático para o mundo em termos de autarquização das relações inter e intra-nacionais, uma vez que mais além das fatalidades humanas, existem impactos negativos diferenciados nos campos de saúde, educação, defesa e segurança pública, bem como nos transportes e nas cadeias logísticas, ou ainda, nos mercados financeiro, de trabalho, produção e consumo, tal como previsto em *crises zumbis*.

Conclui-se que o contexto de incertezas prévias, caracterizado por uma crise da democracia representativa e de desaceleração da economia internacional, quando atrelado aos impactos diretos deste surto do novo coronavírus, conduziram o mundo para um *momentum zumbi*, aglutinando forças negativas para a formação de uma *tempestade perfeita* que eventualmente pode reverberar um efeito cascata no mundo, com transbordamentos e tensionamentos múltiplos dentro e entre as esferas econômicas, sociais e políticas, e, com conseqüente potencial de gerar um círculo vicioso e cumulativo, caso não surjam medidas intra-nacionais e de cooperação internacional adequadas para o rompimento da difusão da pandemia.

REFERÊNCIAS

BOLUK, S.; LENZ, W. **Generation Zombie**: Essays on the Living Dead in Modern Culture. Jefferson: McFarland & Company, 2011.

BOON, K. A. "Ontological Anxiety Made Flesh: The Zombie in Literature, Film and Culture". In: SCOTT, N. (ed.). **Monsters and the Monstrous**: Myths and Metaphors of Enduring Evil. Boston: Brill, 2007.



GAGLIONI, C. “Epidemias e zumbis: quando os vírus são vilões na cultura pop”. **Nexo Jornal** [31/01/2020]. Disponível em: <www.nexojornal.com.br>. Acesso em 24/03/2020.

LAURO, S. J. **The Transatlantic zombie: slavery, rebellion, and living death**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2015.

LUIGI, R.; SENHORAS, E. M. “O novo coronavírus e a importância das Organizações Internacionais”. **Nexo Jornal** [17/03/2020]. Disponível em: <www.nexojornal.com.br>. Acesso em 24/03/2020.

SENHORAS, E. M. “Novo Coronavírus e seus impactos econômicos no mundo”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 2, 2020.

WARNER-LEWIS, M. “The African Diaspora and Language”. *In*: ALBAUGH, E. A.; LUNA, K. M. (eds.). **Tracing language movement in Africa**. New York: Oxford University Press, 2018.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 1 | Nº 3 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima